

Um Olhar sobre os Livros Escolares para o Ensino da Geografia no Rio Grande do Sul no Século XX

*Una Mirada sobre los Libros Escolares para la Enseñanza de Geografía
en el Río Grande del Sur en el Siglo XX*

*A Look at the School Books for the Teaching of Geography in the Rio
Great South in the 20th Century*

Dione Dutra Lihtnov¹

Resumo

O presente texto apresenta uma pesquisa de doutorado realizada junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, RS, Brasil. Apresenta-se como objetivo central a investigação do tema geografia nos livros didáticos produzidos por autoras gaúchas, no estado do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1940 e 1980. A escolha pelo recorte temporal justifica-se pela atuação do Centro de Pesquisa e Orientações Educacionais (CPOE), entre os anos de 1942 e 1970, no estado do Rio Grande do Sul. O CPOE teve um papel marcante nos rumos do ensino sul-rio-grandense orientando, fiscalizando e controlando projetos, práticas pedagógicas e a produção dos livros didáticos. Neste sentido, investigar a produção, a distribuição, e principalmente a utilização do livro didático de geografia nos permite não só entender a sistemática da política de produção e controle de livros didáticos no estado do Rio Grande do Sul, como também compreender as ideias a respeito do que a escola pretendia ensinar, possibilitando o conhecimento de concepções educativas que permearam as propostas pedagógicas deste período da história gaúcha. Considerando especificamente o tema geografia, a análise prévia dos conteúdos dos livros didáticos demonstra um direcionamento à Geografia Física ou Sistemática, com especializações tópicas (Geografia do Clima, Geografia do Relevo, Geografia da Geografia Econômica, etc.).

Palavras-Chave: Livros Escolares; Geografia; Rio Grande do Sul.

Resumen

El presente texto presenta una investigación de doctorado realizada junto al programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Pelotas - UFPel, RS, Brasil. Se presenta como objetivo central la investigación del tema geografía en los libros didáticos producidos por autoras gauchas en el estado de Rio Grande do Sul entre las décadas de 1940 y 1980. La elección por el recorte temporal se justifica por la actuación del Centro de Investigación y, (CPOE), entre los años 1942 y 1970, en el estado de Rio Grande do Sul. El CPOE desempeñó un papel destacado en los rumbos de la enseñanza sur-rio-grandense orientando, fiscalizando y controlando proyectos, prácticas pedagógicas y la producción libros didáticos. En este sentido, investigar la producción, la distribución, y principalmente la utilización del libro didático de geografía nos permite no sólo entender la sistemática de la política de producción y control de libros didáticos en el estado de Rio Grande do Sul, sino también comprender las ideas al respecto de lo que la escuela pretendía enseñar, posibilitando el conocimiento de concepciones educativas que permearon las propuestas pedagógicas de este período de la historia gaúcha. El análisis previo de los contenidos de los libros didáticos demuestra un direccionamiento a la Geografía Física o Sistemática, con especializaciones tópicas (Geografía del Clima, Geografía del relieve, Geografía de la Geografía Económica, etc.).

Palabras claves: Libros Escolares; Geografía; Río Grande del Sur.

¹ Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas; Pelotas; RS; Brasil; lihtnov@gmail.com

Abstract

The present text presents a doctoral research carried out with the Post-Graduation Program in Education of the Federal University of Pelotas - UFPel, RS, Brazil. The central objective is the investigation of the theme geography in textbooks produced by Gaucho authors, in the state of Rio Grande do Sul, between the 1940s and 1980s. The choice for the temporal cut is justified by the performance of the Research Center and (CPOE) between the years of 1942 and 1970, in the state of Rio Grande do Sul. The CPOE played an important role in the direction of South-Rio-Grandense teaching, supervising and controlling projects, pedagogical practices and the production of Didactic books. In this sense, investigating the production, distribution, and especially the use of the geography textbook allows us not only to understand the policy of production and control of textbooks in the state of Rio Grande do Sul, but also to understand the ideas about it of what the school intended to teach, making possible the knowledge of educational conceptions that permeated the pedagogical proposals of this period of the gaucho history. Considering specifically geography, the previous analysis of the contents of textbooks demonstrates a direction to Physical or Systematic Geography, with topical specializations (Climate Geography, Relay Geography, Geography of Economic Geography, etc.).

Keywords: School books; Geography; Rio Grande do Sul.

1. Introdução

Este texto apresenta uma de pesquisa de doutoramento, ainda em fase inicial, que vem sendo realizada junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, RS, Brasil. Busca-se investigar o tema geografia nos livros didáticos produzidos por autoras gaúchas, no Estado do Rio Grande do Sul, entre as décadas de 1940 e 1980. A escolha pelo recorte temporal justifica-se pela atuação do Centro de Pesquisa e Orientações Educacionais (CPOE), entre os anos de 1942 e 1970, no Estado do Rio Grande do Sul. O CPOE teve um papel marcante nos rumos do ensino sul-rio-grandense, orientando, fiscalizando e controlando projetos e práticas pedagógicas para as escolas primárias. Dentre as imposições pedagógicas mais marcantes estavam as relacionadas ao currículo escolar e à produção dos livros didáticos (PERES, 2006).

Neste sentido, o problema de pesquisa consiste em contextualizar o tema geografia nos livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1940 a 1980, identificando as concepções, conceitos e metodologias relevantes para o ensino-aprendizagem da disciplina escolar geografia. Para obtenção dos objetivos propostos, a metodologia fundamenta-se em técnicas de coleta de dados e análise documental do acervo do grupo de pesquisa Hisales.

O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - é um centro de memória e de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenado pelas professoras Eliane Peres e Vania Grim Thies, reúne pesquisadores da UFPel e de outras instituições de ensino da região sul, contando com a participação de alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e de graduação. O grupo tem procurado estabelecer

uma política de recolha, tratamento e guarda de objetos da cultura escolar, constituindo, assim, importantes acervos para a manutenção da história e da memória da alfabetização e para a pesquisa educacional. O Hisales, atualmente, possui seis principais acervos, entre outros complementares: a) caderno de alunos (ciclo de alfabetização e outros); b) cadernos de planejamento (diários de classe) de professoras; c) livros para o ensino inicial da leitura e da escrita nacionais e estrangeiros; d) livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul entre 1940 e 1980; e) materiais didático-pedagógicos; f) escritas pessoais e familiares.

Nesta perspectiva, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo têm se ocupado de mapear, identificar, descrever e analisar a produção didática gaúcha, contemplando três eixos de investigações: a) estudos sobre história da alfabetização; b) pesquisas sobre práticas sociais de leitura e de escrita; e c) análise da produção, circulação e utilização de livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente entre os anos de 1940 e 1980. Dentro deste contexto, esta pesquisa se insere no campo da história dos livros didáticos, contemplando o terceiro eixo de investigação do grupo.

A pesquisa histórica é fundamental no processo de (re)conhecimento da realidade escolar. Nas escolas, e por muitas vezes na própria universidade, existe o pensamento de que o(a) professor(a) não precisa pesquisar. Este pensamento reforça a ideia do(a) professor(a) como um mero transmissor de conteúdo. Neste sentido, o processo educacional, ao invés de ser construtivo, se transforma em um ritual burocrático de memorização e repetição de informações, onde os conteúdos são conhecimentos fragmentados e estereis, sem ligação com o espaço vivido da criança ou adolescente.

Entretanto, a compreensão das concepções dos(as) professores(as), das metodologias que julgam mais relevantes para o ensino, neste caso específico da disciplina de geografia, possibilitam a reflexão e a inovação de procedimentos metodológicos, permitindo, assim, o (re)conhecimento de histórias e memórias plurais do passado. Pontuschka (et al., 2007, p. 89) destaca a importância da pesquisa educacional histórica, retratando também o quanto esta prática pode ser benéfica ao processo de ensino-aprendizagem do(a) aluno(a):

Consultar banco de dados, teses, dissertações e monografias é de fundamental importância para terem acesso ao conhecimento produzido pela investigação acadêmica, apropriarem-se dele e desenvolverem a capacidade de analisá-lo criticamente. Além disso, é essencial que os alunos defrontem-se com as diferentes abordagens da produção científica, reconhecendo que a ciência se realiza por diferentes caminhos do ponto de vista histórico, epistemológico e metodológico.

Sob esta perspectiva, pesquisa e ensino se unem como faces de uma mesma moeda. A prática docente exige reflexão constante, assim como novas metodologias para o ensino-

aprendizagem. Há a necessidade de se incorporar outras formas de linguagem no ensino, o que pressupõe uma atividade de investigação constante e permanente. É importante que os(as) professores(as) reconheçam na pesquisa um instrumento facilitador da prática docente. Que pesquisem como são produzidos os conhecimentos por eles(as) ensinados.

Nesta conjuntura, cabe destacar que durante muito tempo a Geografia vem sendo tratada apenas como uma disciplina escolar de pouca relevância, onde o desconhecimento dos seus pressupostos e embasamentos científicos contribui para manter o caráter empírico dos seus estudos. Logo, a análise da Geografia, desde sua consideração científica, e o estudo da produção didática e sua contextualização, contribui para a formação teórica e metodológica, auxiliando na valorização da geografia escolar enquanto conhecimento relevante.

Neste sentido, o conhecimento de variadas proposições teóricas e metodológicas, no âmbito da Geografia, possibilitam a compreensão das teorias e escolas do pensamento geográfico, permitindo o desvendamento de temas e conceitos na sua contextualização didática. Além disto, é preciso compreender o movimento geral no qual a ciência está inserida, sendo importante conhecer o movimento da cultura no tempo e no espaço. Este aprofundamento epistemológico proporciona maior entendimento do conhecimento produzido.

Nesta lógica, a pesquisa proposta se justifica na intenção de contribuir para o fortalecimento das discussões e pesquisas em torno da história da educação, no âmbito do Rio Grande do Sul, revelando a história dos livros didáticos, e em especial, do conteúdo de geografia presente nestes livros. Ainda, com a constituição deste projeto, pretende-se dar visibilidade a produção didática gaúcha, muitas vezes negligenciada nos estudos geográficos, destacando e reforçando a importância dos autores e editores do Rio Grande do Sul.

2. A Geografia Escolar

A cultura possui um movimento histórico no qual é possível divisar marcos notáveis, que caracterizam períodos específicos da produção social, e a geografia, na esteira destes acontecimentos, possui uma interpretação específica para esta produção, conferindo uma característica própria ao conhecimento produzido. A sociedade sofreu profundas mudanças após o período das duas Grandes Guerras Mundiais, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Foi necessário um grande esforço na reconstrução de uma Europa dizimada pelos intensos combates, assim como uma mudança de pensamento em relação à ciência, orientada, agora, pelas demandas de um capitalismo também renovado.

Na esteira destes acontecimentos a geografia também sofrerá mudanças, pois necessita se adequar aos novos caminhos propostos para a análise da realidade, já não mais capazes de serem percorridos pelos postulados da Geografia Tradicional. Inaugura-se, então, uma nova fase na geografia, caracterizada por uma variedade de propostas teóricas e metodológicas, cuja única convergência possível de ser encontrada é a crítica da Geografia Tradicional. De forma breve, este é o cenário histórico-epistemológico vivenciado pela ciência geografia desde o período pós-guerras mundiais até a contemporaneidade.

Até bem pouco tempo, a geografia praticada nas escolas não ia além de uma diluição da geografia universitária, enciclopédica de conhecimentos organizados. Hoje, podemos identificar a necessidade de se incorporar outras formas de linguagem no ensino de Geografia, como o cinema, a mídia, a música, a literatura, a charge, o jogo, entre outros. Esta “geografia escolar” pode melhor interpretar a realidade, valendo-se destes recursos e linguagens, ajudando os professores(as) a tornarem o ensino e a aprendizagem mais reflexivos, menos repetidores de informações isoladas. Com o tempo, as metodologias, as práticas, os conteúdos e até mesmo os(as) alunos(as) mudam:

O aluno é um sujeito pós-moderno, sendo assim: são lúdicos, práticos, e concretos; adotam metalinguagens; só gostam daquilo que os interessam; preferem imagens e sons; compartilham um espaço e um tempo polissêmicos; são simultâneos e midiáticos; vivem momentos; acreditam que já sabem tudo ou quase tudo; possuem um tempo menor de concentração (...) Eles não possuem o hábito de ler, mas leem muito na internet. Tendem a não acreditar na escola como ascensão social. Facilmente adaptam-se as novas tecnologias e são criativos (CASTROGIOVANNI, 2013).

Neste âmbito, podemos resumir a relevância da disciplina geografia sob três aspectos básicos: a) conhecer o mundo em que vivemos e obter informações sobre o mesmo; b) compreender a geografia como uma ciência espacial, que estuda o espaço (re)produzido pela relação ser humano e natureza, e c) a formação, conscientização do indivíduo enquanto cidadão, ou seja, a formação crítica perante o espaço. Versentini (1989) destaca a importância do estudo da geografia:

Estudar geografia é uma forma de compreender o mundo em que vivemos. Por meio desse estudo, podemos entender melhor o local em que moramos – seja uma cidade, seja uma área rural – e o nosso país, assim como os demais países. O campo de preocupações da geografia é o espaço da sociedade humana, em que homens e mulheres vivem e, ao mesmo tempo produzem modificações que o (re)construem permanentemente. Indústrias, cidades, agricultura, rio, solos, climas, populações: todos esses elementos – além de outros – constituem o espaço geográfico, isto é, o meio ou a realidade material em que a humanidade vive e do qual é parte integrante.

Indubitavelmente, a geografia como disciplina escolar, deve fornecer subsídios para o educando construir e lidar com a espacialidade, e as transformações que ocorre nesse espaço (CASTROGIOVANNI, 2013). Percebe-se então que a função da geografia vai além da disciplina escolar, sendo uma ciência social, humana, que se desenvolve de forma crítica, fornece as ferramentas necessárias para que o indivíduo se (re)conheça enquanto sujeito dono de sua própria história. A partir das bases materiais a sociedade (re)produz seu próprio universo de relações. Este intenso e incansável processo se materializa e está perceptível na paisagem, a partir de suas formas e elementos.

Esta leitura nos faz pensar a (re)produção do espaço a partir da dialética e do materialismo histórico, onde este é condição, meio e produto da ação humana ao longo do tempo. Um espaço de continuidades e descontinuidades. Um produto histórico-social materializado pelo trabalho humano ao longo do tempo no espaço. E o papel da geografia, no processo de ensino-aprendizagem, é justamente desmistificar esse processo, como destaca Castrogiovanni (2015):

O Espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte da alfabetização.

Desta forma, a Geografia precisa ser vista como uma ferramenta de ensino para entender o mundo, para que o aluno(a) se (re)conheça como sujeito que edifica o espaço socialmente. Assim, além de dominar conteúdos, o professor deve ter a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo. Entretanto, para que isso ocorra, é preciso que se conheça a história, não só da ciência ou da disciplina escolar, mas dos processos históricos de ensino-aprendizagem, da produção, circulação e utilização da produção didática, de modo que os conteúdos deixem de ser fins e passem a ser meios de interação com a realidade.

2.1. Corpus de Pesquisa

Pelas características do projeto desenvolvido, a metodologia proposta assumirá a dimensão qualitativa, com orientação centrada na modalidade documental. Logo, trata-se de uma pesquisa que fundamenta-se na análise documental. Devido ao corpus da investigação ser constituído de livros escolares, cabe ressaltar que dentro da perspectiva de análise consideraremos as publicações, aqui apresentadas como livros escolares ou didáticos, como documentos. Le Goff (1990) entende o documento “não como um material bruto, objetivo e inocente, mas como um objeto que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória

e o futuro: o documento é um monumento”. Neste caso específico, a pesquisa documental propiciará uma análise profunda dos livros escolares, proporcionando um conhecimento detalhado deste material, possibilitando assim a problematização do conteúdo geográfico no campo de investigação. Choppin (2002, p.6) identifica que:

[...] os livros escolares participam do universo cotidiano: eles não apresentam nada de raro, exótico, singular; parecem mesmo intemporárias, na medida em que transcendem a clivagem entre as gerações. Essa banalidade, familiaridade, proximidade conferem às obras escolares menos valor visto que são produzidas, hoje em grande quantidade, dezenas de milhões de exemplares [...]

Ainda do ponto de vista metodológico, podemos dizer que o projeto apresentado pode ser compreendido como um ajuste entre a pesquisa *exploratória, descritiva e documental*. De forma resumida, Gil (2002) define a *pesquisa exploratória* como aquela onde o aprimoramento de ideias ou ainda aquela onde a descoberta de intuições aparece em primeiro plano. Já a *pesquisa descritiva* pode ser compreendida como aquela que tem por objetivo a descrição de características de determinado problema ou fenômeno, tendo em vista estabelecer relações. No que tange a *pesquisa documental*, está tem como base a investigação de materiais e fontes variadas, sendo selecionados de acordo com os objetos da pesquisa. A respeito da pesquisa documental, Le Goff (1990, p.547) destaca:

[...] O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente [...].

O corpus da pesquisa documental explorado nesta investigação é constituído, atualmente, de 337 exemplares de livros didáticos considerados tanto como fonte quanto objeto de pesquisa. Quanto a análise dos livros didáticos, Silva (2012, pág. 22) esclarece:

As análises sobre os livros didáticos, segundo ensina Choppin (2004), desde a II Grande Guerra, seguiram duas vertentes. Uma privilegia a crítica ideológica e cultural e aborda acontecimentos de importância temporal e espacial, espelhando preocupação própria de um país, como a formação da identidade nacional, a inserção social, o analfabetismo, ou ainda a educação para a cidadania. A segunda vertente prende-se à perspectiva epistemológica ou didática e se dedica à análise de conteúdo, tomando uma disciplina por referência, como ocorre no presente trabalho.

Partindo do pressuposto de que em determinada época e lugar são gerados paradigmas do conhecimento, se investiga como estes paradigmas aparecem nos livros didáticos. Assim, a análise realizada neste projeto de pesquisa de doutoramento possibilitará compreender a evolução do pensamento geográfico de modo a interpretar as diferentes correntes e tendências que surgiram durante o processo de produção da disciplina escolar geografia, as quais foram

ensinadas por meio dos livros didáticos de geografia. Para tanto, utiliza-se de livros didáticos de geografia do acervo do grupo de pesquisas Hisales. O corpus da pesquisa documental explorado nesta investigação é constituído de *56 títulos e 337 exemplares de livros didáticos* produzidos no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1940 e 1980, por autoras e/ou editoras gaúchas. Em relação à periodização, o mapeamento do acervo revelou existência de 01 exemplar na década de 1940; 19 exemplares na década de 1950; 89 exemplares na década de 1960; 139 exemplares na década de 1970; 04 exemplares na década de 1980; e 85 exemplares sem identificação, totalizando 337 exemplares.

No que tange à fundamentação teórica, contempla-se pressupostos correlacionadas a duas vertentes bibliográficas: *História dos Livros Didáticos*, com contribuições de autores como CHOPPIN (2002; 2004), MUNAKATA (2012), LAJOLO (1996;1998), BITTENCOURT (1990), CHARTIER (1990), DARNTON (2010); e da *História das Disciplinas Escolares*, centrada diretamente na disciplina de Geografia, com contribuições de autores como LACOSTE (1997), MORAES (1987; 1988), MOREIRA (1994), SANTOS (1982;1985).

3. Conclusões

A partir do que já foi realizado até este momento, cabe considerar a necessidade do aprofundamento teórico acerca das técnicas de análise documental, bem como das funções assumidas pelo livro didático no espaço escolar, considerando, especialmente, quadro dimensões de análise: *Referencial*, relativa ao programa da disciplina ou sua interpretação; *Instrumental*, pertinente a metodologia de ensino, exercícios e atividades; *Ideológica e Cultural*, no tocante a cultura e aos valores das classes dominantes; e *Documental*, relativa aos documentos textuais em si.

O estudo da produção didática proporciona o entendimento de diferentes abordagens de mundo, diferentes imagens de uma mesma sociedade, visto que cada disciplina constitui um olhar próprio sobre a realidade. Neste âmbito, o trabalho a ser realizado pelo historiador consiste em problematizar suas fontes, sem romantizá-las. Existem muitos elementos que devem ser tangenciados e desmistificados, sendo *o conteúdo* destas fontes o principal deles. A análise do conteúdo nos livros didáticos se mostra um importante caminho para elucidar as orientações e convicções ideológicas manifestadas na sociedade e postas ao espaço escolar a partir da utilização deste recurso didático. Assim, esta análise vai desde a contextualização das informações expressas, as quais contemplam o processo que se inicia na concepção da obra e termina nas implicações da utilização do livro em sala de aula, passando também pela

apresentação gráfica e aceitação da obra enquanto bem de consumo no espaço escolar. Neste caso específico, o livro didático é compreendido como fonte para a contextualização do tema geografia nos livros didáticos.

O livro didático é um dos recursos de ensino-aprendizagem mais tradicionais em toda a cultura escolar. Em todas as partes do mundo, milhões de estudantes, entram todos os dias em sala de aula com seus livros didáticos. Mesmo diante de tempos e espaços escolares tão diferenciados e distantes, a força deste artefato sobrevive a políticas díspares, culturas diferentes e espaços virtuais. Considerando que a cultura possui um movimento histórico passível de divisar marcos notáveis que caracterizam períodos específicos da produção social, qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas, até mesmo os objetos utilizados nas escolas e salas de aula representam uma importante fonte de análise, visto que estes elementos apresentam heranças das sucessivas relações desenvolvidas no espaço escolar.

Tendo em vista todos os fatores destacados, pode-se compreender que a utilização do livro didático como fonte de pesquisa permite investigar a circulação de ideias a respeito daquilo que a escola deveria transmitir/ensinar, possibilitando também conhecer a concepção educativa que tem permeado as propostas de formação dos sujeitos escolares por meio das possíveis interrogações a serem feitas em relação ao conteúdo ou discurso, vinculando-se, assim, à história das disciplinas escolares.

Referências

ALVES, Antônio Maurício Medeiros. *A matemática moderna no ensino primário (1960-1978): análise das coleções de livros didáticos Estrada Iluminada e Nossa Terra Nossa Gente*. Pelotas: UFPel, 2013. 320f. Tese (doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *O conceito de “livros didáticos”*. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (org.). *Livros escolares e de leitura no Brasil: elementos para uma história*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro Didático e Conhecimento Histórico: Uma história do saber escolar*. 1993. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1993.

CHARTIER. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHOPPIN, Alain. *História dos Livros e das Edições Didáticas: sobre o estado da arte*. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p.549-566.

CHOPPIN. *O historiador e o livro escolar*. In: História da Educação (ASPHE - Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação). FaE/UFPEL. Pelotas: 2002.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *O Livro Escolar como Fonte de Pesquisa em História da Educação*. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 52, Campinas, 2000, p.11-24.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACOSTE, Yves. *A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Livro Didático: um (quase) manual de usuário*. Brasília, 1996.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990, p.535-549.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Elisa D. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MUNAKATA, Kazumi. *O Livro Didático: Alguns temas de pesquisa*. In: *Revista Brasileira de História e Educação*. Campinas-SP, v. 12, n. 3, 2012.

PERES, Eliane. *Aspectos da Produção Didática da Professora Cecy Cordeiro Thofhern*. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da S.; MACIEL, Francisca Isabel (org.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT, séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: Ceale/Fapemig, CNPq, UFMG/FAE, 2006b, p. 171-190.

PERES, Eliane. *Produção de Cartilhas Escolares no Rio Grande do Sul entre as Décadas de 1950 e 1970: contribuições à história da alfabetização e das práticas escolares*. ENDIPE, 14, 2008. Anais. Porto Alegre: PUCRS, 2008a, v. 1, p. 1-12.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. *A constituição dos acervos do grupo de pesquisa história da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares e sua contribuição para as investigações em educação*. Hist. Educ. [Online]. Porto Alegre, 2015.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. (Org.) *Para Ensinar e Aprender Geografia*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

VESENTINI, José William. *Geografia, Natureza e Sociedade*. São Paulo: Contexto, 1989.